

Análise de Conteúdo: uma discussão sobre sua abordagem quantitativa e qualitativa para estudos no Campo da Administração

OHANA TRAJANO BARBOSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
ohanatrajano@hotmail.com

JAQUELINE GUIMARÃES SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
jsantos.adm@gmail.com

EDVAN CRUZ AGUIAR
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
edvan.ed@gmail.com

Área Temática: Ensino e Pesquisa em Administração

Análise de Conteúdo: uma discussão sobre sua abordagem quantitativa e qualitativa para estudos no Campo da Administração

Resumo

A análise de conteúdo apresenta-se como uma técnica de dados profícua, com grande potencial para o desenvolvimento de estudos, sobretudo no campo da administração. Nesse sentido, Mozzato e Grzybovski (2011) afirmam que há um crescente interesse pela análise de conteúdo como técnica de coleta de dados na produção científica de Administração em virtude da preocupação com o rigor científico das pesquisas. Assim, o presente ensaio teve por objetivo discutir as características da técnica análise de conteúdo sob as perspectivas quantitativa e qualitativa para estudos em Administração. A partir da apresentação e discussão de seus conceitos, definições e pressupostos inerentes, acredita-se que o estudo traz uma contribuição ao passo em que procurou esclarecer os pressupostos e implicações inerentes à técnica, podendo ser útil na produção de conhecimento válido e confiável para a área de estudo.

Palavras chave: Análise de conteúdo, Abordagens de pesquisa, Ciências Administrativas.

Abstract

Content analysis is presented as a technique for fruitful data, with great potential for the development of studies, especially in the field of administration. In this sense, Mozzato and Grzybovski (2011) claim that there is an increasing interest in content analysis as a technique for data collection in the scientific production of Directors because of concerns with the scientific rigor of the research. Thus, this essay aims at discussing the characteristics of content analysis technique in quantitative and qualitative perspectives for studies in Business Administration. From the presentation and discussion of the concepts, definitions and underlying assumptions, it is believed that the study makes a contribution to the step that sought to clarify the assumptions and implications inherent in the art and may be useful in producing valid and reliable knowledge for field of study.

Keywords: Content Analysis, Research Approaches, Administrative Sciences.

1 INTRODUÇÃO

Dentre as técnicas que objetivam extrair significados oriundos do conteúdo de textos, que vão desde os produtos da mídia até dados coletados por meio de entrevistas (FLICK, 2004), a análise de conteúdo corresponde a um dos procedimentos clássicos de análise de materiais dessa natureza (CHIZZOTTI, 2010). No âmbito das ciências administrativas, observa-se sua crescente utilização no últimos anos (MOZZATO, 2010). Tendo sua origem nos Estados Unidos, a análise de conteúdo desenvolveu-se como uma técnica de análise das comunicações com enfoque estritamente quantitativo (VERGARA, 2008; BARDIN, 2009).

A literatura de referência atualmente em análise de conteúdo refere-se à obra de Laurence Bardin, que define a técnica como sendo capaz de “obter por procedimentos objetivos e sistemáticos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2009, p.44).

Entretanto, discussões referentes às possibilidades de uso da técnica em abordagens qualitativas tem ganhado espaço, bem como proporcionado uma ampliação, em termos de uso, da análise de conteúdo. Entende-se que a técnica análise de conteúdo propicia não apenas a quantificação de categorias de análise, mas também apreender fenômenos e significados, em uma caráter qualitativo. Desse modo, discussões concernentes ao papel desta técnica, especialmente nas ciências administrativas, acabam passando pela dicotomia análise quantitativa versus análise qualitativa.

Diante do exposto, o presente artigo objetiva discutir as características desta técnica sob as perspectivas quantitativa e qualitativa. Ressalta-se que não é pretensão do trabalho esgotar todas as possibilidades de abordar este tópico, mas estimular o debate e a utilização desta técnica, além de suas implicações na produção de conhecimento nas ciências administrativas.

Além da presente introdução, o trabalho estrutura-se da seguinte maneira: inicialmente é apresentada a concepção histórica da análise de conteúdo, logo após a discussão sobre a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa, em seguida raciocínios indutivo e dedutivo da análise de conteúdo, a utilização do computador para auxiliar a análise de conteúdo e, por fim, as considerações finais.

2 CONCEPÇÃO HISTÓRICA DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo refere-se a uma técnica de pesquisa, que surgiu nos Estados Unidos por volta do século XX e que até os anos 50 possuía caráter quantitativo, traduzido na frequência da aparição de características nos conteúdos das mensagens (GOMES, 1994). Desse modo, pode-se dizer que inicialmente esta técnica esteve orientada pelo paradigma positivista (MORAES, 1999).

H. Lasswell é considerado um dos primeiros estudiosos a utilizar o método em análises de imprensa e propaganda, desde 1915. Já os anos de 1940 e 1950 foram marcados pela sistematização das regras de análise de conteúdo, elaboradas por B. Berelson e P. Lazarsfeld (BARDIN, 2009). Ademais, a referida autora afirma que:

“Quaisquer que sejam os progressos posteriores a Lasswell e a Berelson, os seus critérios marcam a preocupação deste período em trabalhar com amostras reunidas de maneira sistemática, a interrogar-se sobre a validade do procedimento e dos resultados, a verificar a fidelidade dos codificadores e até a medir a produtividade da

análise. É o período significativo de uma prática com uma metodologia nascente, onde as exigências de rigor e de objetividade pressentidas adquirem um caráter obsessivo, susceptível de encobrir outras necessidades e possibilidades” (BARDIN, 2009, p.21).

Já o período compreendido entre os anos 50 e 60, é marcado tanto pela expansão da técnica em diversas disciplinas, como pelo surgimento de questionamentos e novas contribuições no plano metodológico. Contribuições estas, provenientes da etnologia, história, psiquiatria, psicanálise, linguística, sociologia, psicologia, ciência política e jornalismo (BARDIN, 2009).

Nesse contexto, uma das controvérsias existentes no plano metodológico referia-se quanto à classificação da análise de conteúdo como técnica quantitativa ou qualitativa. Para os que defendiam a técnica como de caráter quantitativo, esta deveria apresentar a frequência das características presentes na mensagem, com grande rigorosidade científica. Por outro lado, os que defendiam a técnica como sendo de caráter qualitativo, o enfoque consistia em apresentar as características ausentes da mensagem ou as características de um fragmento da mensagem (RICHARDSON, 1999; BARDIN, 2009).

Esse período foi marcado por preocupações quanto à validade das técnicas utilizadas e a confiabilidade dos codificadores, além da busca obsessiva pela objetividade (RICHARDSON, 1999). Já a partir de 1960, de acordo com o referido autor, a análise de conteúdo era utilizada em pesquisas de três áreas distintas, sendo estas: as pesquisas quantitativas tradicionais, pesquisas cujo foco consiste na comunicação não verbal e semiologia e por fim, as pesquisas de caráter linguístico.

No entanto, devido à influência de pesquisadores franceses, passou-se a introduzir aspectos qualitativos na aplicação do método, à medida que os métodos quantitativos passaram a ser menos rígidos e mais eficazes (RICHARDSON, 1999). A análise qualitativa ganhou lugar dentro da técnica na medida em que entender as características, estruturas e/ou modelos presentes nas mensagens se fazia necessário (GODOY, 1995). Conforme a autora, o esforço do analista parte do entendimento do sentido da comunicação, e vai além, na busca por outra significação ou outra mensagem que é passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira. Corroborando com estas ideias, de acordo com Moraes (1999) a análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de apoio para captar seu sentido simbólico.

Diante do exposto, verifica-se um debate profícuo entre pesquisadores no tocante ao uso da análise de conteúdo sob uma perspectiva quantitativa ou qualitativa (BERG, 2001), o que será discutido com mais detalhes na próxima seção.

3 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A ANÁLISE DE CONTEÚDO QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Tendo em vista a controvérsia existente quanto à definição da análise de conteúdo como sendo uma análise de tipo quantitativa ou do tipo qualitativa, pode-se dizer que essa controvérsia tem-se generalizado à pesquisa em Ciências sociais (RICHARDSON, 1999), e, no entanto, parece não existir ainda uma compreensão homogênea deste método no momento (KOHLBACHER, 2006). Deste modo, esta seção tem por objetivo apresentar algumas particularidades da técnica sob o ponto de vista de cada uma dessas abordagens.

Inicialmente desenvolvida nos Estados Unidos no século XX, à análise de conteúdo era utilizada especialmente a análise de material de cunho jornalístico (BARDIN, 2009).

Atualmente, essa técnica pode ser utilizada para interpretar o conteúdo de documentos e textos de quaisquer naturezas, e conduz a descrições sistemáticas, quantitativas ou qualitativas, fundamentais para a interpretação e compreensão das mensagens e seus significados (MORAES, 1999).

Conforme visto anteriormente, sob o ponto de vista metodológico, as regras desta técnica começaram a ser sistematizadas por volta dos anos 40-50, por Berelson e P. Lazarsfeld. Pode-se dizer que neste momento, a análise de conteúdo foi inicialmente concebida a partir de uma perspectiva quantitativa (GOMES, 1994).

Tem-se que a “célebre” definição que Berelson (in: BARDIN, 2009, p. 20) atribui a análise de conteúdo, como sendo uma “técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”, resume de forma efetiva as preocupações epistemológicas do período.

Campos (2004) corrobora essa visão, ao afirmar que nesse momento a metodologia era repleta de objetividade e o rigor se confundia com os pressupostos positivistas, o que acarretava na exclusão das possibilidades qualitativas para a avaliação do material.

O Quadro 1 a seguir, contempla algumas definições para a análise de conteúdo, evidenciando que a literatura acerca desta técnica é repleta de estudos e definições, e como ressalta (MORAES, 1999), possui de uma variedade de formas, as permitem que a técnica possa ser adaptável a um campo de aplicação bastante amplo, qual seja a comunicação.

AUTORES	DEFINIÇÃO
(Berelson, 1952)	Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.
(Fearing, 1954)	Conteúdo latente bem como conteúdo manifesto pode ser examinado por análise de conteúdo, uma série de decisões ou descrições feitas em condições especialmente definidas por juízes treinados na utilização de critérios objetivamente definidos.
(Paisley 1969, p.133)	Análise de conteúdo é uma fase de processamento da informação em que o conteúdo da comunicação é transformado, através da aplicação objetiva e sistemática de regras de categorização, em dados que podem ser resumidos e comparados.

Quadro 1 – Definições de análise de conteúdo quantitativa.
Fonte: Adaptado de Kassarian (1977)

Entende-se que, apesar das diversas definições para a análise de conteúdo, existe um consenso entre os autores em considerar a análise de conteúdo enquanto uma descrição analítica, com procedimentos objetivos e sistemáticos (OLIVEIRA, 2008; KASSARJIAN, 1977). Assim sendo, a objetividade garante que as categorias de análises sejam definidas de forma precisa, de modo que diferentes análises sejam realizadas sobre a mesma amostra e garanta os mesmos resultados, além disso, o conjunto de normas que são estabelecidas nesta fase é utilizado para minimizar que os resultados sejam um reflexo da subjetividade do pesquisador, já a sistematização garante a organização do conteúdo em categorias de acordo com regras consistentes e sistemáticas, e por fim, a quantificação permite quantificar a frequência dos elementos presentes na mensagem (KASSARJIAN, 1977; RICHARSDON, 1999).

Complementando, Bardin (2009) diferencia conceitualmente a análise de conteúdo sob as duas perspectivas, quais sejam a quantitativa e a qualitativa, como pode ser verificado no seguinte trecho:

A abordagem quantitativa funda-se na *frequência* de aparição de determinados elementos da mensagem. A abordagem não quantitativa recorre a indicadores não frequenciais susceptíveis de permitir inferências; por exemplo, a *presença* (ou a *ausência*) pode constituir um índice tanto (ou mais) frutífero que a frequência de aparição (BARDIN, 2009, p. 140).

Por outro lado, nota-se uma tendência para a busca de conteúdos que não são evidentes e inferências do material estudado, sob uma perspectiva qualitativa (CAMPOS, 2004). Ademais, apesar da produtividade existente na fase em que a técnica esteve orientada pelo paradigma positivista, no qual a objetividade e quantificação eram primordiais, a análise de conteúdo está atingindo novas possibilidades, na medida em que utiliza a exploração qualitativa das mensagens e informações (MORAES, 1999).

Similar à análise de conteúdo quantitativa, a análise de conteúdo qualitativa possui diferentes conceituações, as quais podem ser verificadas no Quadro 2.

AUTORES	DEFINIÇÃO
(Hsieh & Shannon, 2005, p.1278)	Um método de pesquisa para a interpretação subjetiva do conteúdo dos dados de um texto, através do processo de classificação sistemática de codificação e identificação de temas ou padrões.
(Mayring, 2000, p.2)	Uma abordagem empírica, análise metodológica controlada de textos dentro de seu contexto de comunicação, seguindo as regras de conteúdo analítico e os modelos de passo, sem quantificação irrefletida.
(Patton, 2002, p.453)	Qualquer redução de dados qualitativos e senso de tomada de esforço que toma um volume de material qualitativo e tenta identificar consistências fundamentais e significados.

Quadro 2 – Definições de análise de conteúdo qualitativa.
Fonte: Adaptado de Zhang e Wildemuth (2009)

É coerente afirmar que a análise de conteúdo qualitativa vai além da frequência de aparição de determinados elementos presentes na mensagem, enfatizando o contexto no qual o conteúdo está inserido, e interpretando-o de maneira subjetiva, por meio de um processo sistemático. Destarte, tem-se que Mayring (1983) foi um dos autores que desenvolveu um processo para a análise qualitativa de conteúdo, incluindo um modelo com os procedimentos para a análise do texto e as técnicas de como este modelo pode ser aplicado (FLICK, 2004).

Para Mayring (2000), a análise de conteúdo qualitativa parte da preservação de alguns pontos metodológicos fortes da análise de conteúdo quantitativa, e pode ser utilizada para analisar todo tipo de comunicação registrada, sejam estas, transcrições de entrevistas, discursos, protocolos de observações, fitas de vídeo, documentos, entre outras.

No que corresponde às vantagens da análise de conteúdo quantitativa que devem ser preservadas na análise de conteúdo qualitativa, Mayring (2000) destaca quatro delas: (1) definir o material e quais partes da comunicação devem ser realizadas inferências, (2) o material deve ser analisado seguindo passo a passo as regras de procedimentos, (3) representa os aspectos da interpretação do texto fundamentadas em categorias e (4) definição dos critérios de confiabilidade e validade, no intuito de assegurar que os resultados obtidos possam ser comparados com os resultados de outros estudos. Diante do exposto, é possível através da comparação entre a análise de conteúdo quantitativa e qualitativa, destacar algumas diferenças entre essas duas abordagens da técnica.

Conforme Zhang e Wildemuth (2009), uma das diferenças consiste na área de investigação sob a qual cada técnica se desenvolveu, uma vez que a análise de conteúdo quantitativa foi amplamente utilizada para analisar os meios de comunicação de massa, enquanto que a análise de conteúdo qualitativa desenvolve-se principalmente na antropologia, sociologia e psicologia, para interpretar os significados subjacentes às mensagens. Outra diferença ressaltada pelas autoras corresponde à atribuição da análise de conteúdo quantitativa como sendo dedutiva, e a análise de conteúdo qualitativa como sendo principalmente indutiva, e por fim, tem-se que a abordagem quantitativa produz números que podem ser manipulados por meio de métodos estatísticos, enquanto que na abordagem qualitativa geralmente são produzidos descrições ou tipologias.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO E O RACIOCÍNIOS INDUTIVO E DEDUTIVO

A finalidade de um estudo é o que determina a utilização da análise de conteúdo de forma indutiva ou dedutiva (ELO; KYNGÄS, 2007). Nesse sentido, pode-se dizer que a análise de conteúdo qualitativa sintetiza em categorias ou temas os dados brutos, a partir de inferências e interpretação válidas. Este processo utiliza o raciocínio indutivo, por meio do qual os temas e as categorias emergem dos dados através de um exame cuidadoso do pesquisador e da comparação constante (ZHANG; WILDEMUTH, 2009). Por outro lado, utiliza-se a análise de conteúdo dedutiva quando a estrutura de análise é operacionalizada tendo por base o conhecimento anterior e quando objetiva-se testar hipóteses (ELO; KYNGÄS, 2007).

A análise de conteúdo que utiliza o raciocínio dedutivo busca explicações e generalizações probabilísticas partindo de uma teoria, enquanto que a utilização do raciocínio indutivo busca compreender os fenômenos investigados e pretende chegar à teoria (MORAES, 1999). Sobre este aspecto, Bardin (2009, p. 141) faz as seguintes considerações:

A abordagem quantitativa e a qualitativa não têm o mesmo campo de ação. A primeira obtém dados descritivos através de um método estatístico. Graças a um desconto sistemático, esta análise é mais objetiva, mais fiel e mais exata, visto que a observação é mais bem controlada. Sendo rígida, esta análise é, no entanto, útil, nas fases de verificação das hipóteses. A segunda corresponde a um procedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e adaptável a índices não previstos, ou à evolução das hipóteses. Esse tipo de análise deve ser então utilizado nas fases de lançamento das hipóteses, já que permite sugerir possíveis relações entre um índice da mensagem e uma ou diversas variáveis do locutor (ou da situação da comunicação). A análise qualitativa apresenta certas características. É válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais.

Logo, a abordagem dedutiva parte de teorias e hipóteses, e busca atingir níveis de precisão, rigor e sistematização. Já a abordagem indutiva da análise de conteúdo, conforme o autor possui como ponto de partida os dados, construindo a partir deles as categorias e a partir destas a teoria. Tendo isso em mente, acredita-se que o pesquisador, ao fazer uso da técnica, poderá tirar melhor proveito da análise de conteúdo conforme sua orientação epistemológica e consequente problema de pesquisa.

Seja definindo as categorias de análise *a priori*, com base na teoria, ou *a posteriori*, a partir dos dados, compreender o propósito da análise de conteúdo em sua aplicação ajuda a garantir validade e confiabilidade dos resultados. Além disso, facilita o processo de

verificação do *corpus* de pesquisa com auxílio de *softwares* para tal finalidade. Este aspecto será discutido na seção posterior.

5 ANÁLISE DE CONTEÚDO COM AUXÍLIO DO COMPUTADOR

Ainda que diferentes autores proponham diversificadas descrições do processo da análise de conteúdo, Moraes (1999) sugere cinco etapas:

1. Preparação das informações: o pesquisador identificou as diferentes informações coletadas a fim de serem analisadas. Para isto, fez-se uma leitura de todos os materiais e foi tomada uma primeira decisão sobre quais materiais efetivamente estavam de acordo com os propósitos da pesquisa;
2. Unitarização ou transformação do conteúdo em unidades: nesta etapa, o pesquisador efetuou uma releitura cuidadosa dos materiais com a finalidade de definir a „unidade de análise“ a ser submetida posteriormente à categorização;
3. Categorização ou classificação das unidades em categorias: nesta etapa, os dados foram agrupados considerando a parte comum a eles. O pesquisador classificou os dados por semelhança ou analogia, segundo critérios previamente estabelecidos no referencial teórico.
4. Descrição: uma vez definidas as categorias e identificado o material constituinte de cada uma delas, foi descrito o resultado do trabalho. Para cada uma das categorias, o pesquisador produziu um texto síntese concernente ao conteúdo coletado.
5. Interpretação: nesta etapa, o pesquisador atingiu uma compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens. Para tal, foram feitas as inferências e interpretações tomando como base o referencial teórico claramente explicitado.

A análise de conteúdo possui uma natureza científica, e desse modo, deve ser eficaz, rigorosa e precisa (RICHARDSON, 1999). A partir disso, percebe-se a análise de conteúdo como um instrumento de pesquisa científica com múltiplas aplicações, sob as quais seus procedimentos, podem variar em função dos objetivos da pesquisa. Entretanto, sejam quais forem as finalidades de uma pesquisa, é preciso que ela se adote regras precisas que sejam capazes de diferenciá-la de análises puramente intuitivas, para que tenha valor científico (OLIVEIRA, 2008).

A análise de conteúdo possui o princípio do rigor metodológico enquanto forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). Neste sentido, Oliveira (2008, p. 570) afirma que:

A variedade de conceitos e finalidades da análise de conteúdo, longe de enriquecer a prática de pesquisa, tem tornado a técnica ou método pouco claro e permitido sua utilização sem os cuidados metodológicos necessários para uma boa prática de pesquisa, especialmente para os jovens pesquisadores que tendem a desenvolvê-la como prática intuitiva e não sistematizada.

Desse modo, é importante ressaltar, que o pesquisador deve possuir disciplina, e principalmente rigor ao decompor um conteúdo ou ao realizar a contagem dos resultados ou as análises (FREITAS; JÚNIOR; MASCAROLA, 1997). Assim, de acordo com Mozzato (2010), a utilização adequada de softwares qualitativos ou quantitativos auxilia o pesquisador na sistematização e codificação do conteúdo.

De acordo com Bauer (2008), o surgimento do computador fortaleceu o nível de reflexão metodológica, e contribuiu para a produção de softwares mais eficientes (BANDEIRA DE MELLO, 2010). Além disso, o computador permite que grandes volumes de dados sejam analisados, tornando-se um aliado dos analistas de conteúdo (KRIPPENDORFF, 1980). Assim, a utilização de softwares na análise de conteúdo, facilitam, agilizam e qualificam o processo de análise. Nesse sentido, tanto os softwares quantitativos a exemplo do SPSS, como os qualitativos a exemplo do NVivo, podem ser utilizados na análise de conteúdo (MOZZATO, 2010).

Bauer (2008) destaca que existem diversos tipos de análise para materiais textuais com o auxílio de softwares, e aponta três correntes básicas da análise de conteúdo com auxílio de softwares, sendo estas a KWOC (*Keyword Out of Context* – palavra-chave fora do contexto), o qual classifica palavras singulares em conceitos, além de contar as frequências dos conceitos em um texto.

A segunda corrente refere-se à análise de concordância e co-ocorrência, que considera as palavras-chave em seu contexto (KWIC – *Keywords in context* – palavras-chave dentro do contexto), e por fim, a terceira corrente de análise de conteúdo com auxílio do computador refere-se ao CAQDAS (*Computer-assisted Qualitative Data Analysis Software* – software para análise de dados com auxílio de computador). Por meio deste *software* é possível realizar etiquetagem, a codificação e a indexação de textos.

Mattos (2005) destaca que a “tecnicização” da análise de conteúdo, especialmente através da utilização de softwares, traz preocupações. O autor ressalta que:

Se por um lado, permitem a multiplicação da produção acadêmica e facilitam a vida de mestrands e pesquisadores menos experientes, podem, por outro, representar um risco de substituir significados originais por conceitos “pré-moldados”. Certos estudos de análise sintática e de contagem de palavras, se submetidos a olhar crítico e sem interesse no mundo comercial do software, podem trazer descrédito à “análise qualitativa” (MATTOS, 2005, p.825).

Contudo, Mozzato (2010) destaca que o uso de *softwares* facilitam a análise e interpretação do pesquisador, mas não o isenta de sua atuação ativa, ou seja, de acordo com Bandeira de Mello (2010), os softwares amenizam a carga existente nas tarefas mecânicas associadas ao gerenciamento da base de dados, mas não executam a análise, assim a compreensão e interpretação da mensagem é uma atividade exclusiva do pesquisador.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo discutir as características desta técnica sob as perspectivas quantitativa e qualitativa. Conforme discutido anteriormente, a análise de conteúdo apresenta-se como uma técnica de dados profícua e com potencial para o desenvolvimento de estudos com abordagens tanto quantitativas ocomo qualitativas, em especial no campo das ciências administrativas.

No que diz respeito ao uso de *softwares* que auxiliam na análise de conteúdo, entende-se que a sua utilização tem facilitado o processo de análise. A análise de conteúdo possui uma natureza científica, e desse modo, deve ser eficaz, rigorosa e precisa. Portanto, percebe-se a análise de conteúdo como um instrumento de pesquisa científica com múltiplas aplicações, sob as quais seus procedimentos, podem variar em função dos objetivos da pesquisa. É pertinente destacar que o tipo de material e os objetivos do estudo são cruciais na escolha entre as abordagens quantitativa e qualitativa da análise de conteúdo.

Acredita-se que o trabalho contribui ao passo em que buscou resgatar algumas particularidades da análise de conteúdo em cada uma de suas abordagens, esclarecendo os pressupostos e implicações inerentes à técnica, ajudando assim pesquisadores das ciências administrativas a produzirem conhecimento válido e confiável para a área. Ressalta-se ainda que não foi pretensão do trabalho esgotar todas as possibilidades de abordar este tópico, mas estimular o debate e a utilização desta técnica, sobretudo na produção de conhecimento nas ciências administrativas.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA DE MELO, Rodrigo. Softwares em pesquisa qualitativa. In: GODOI, Christiane K, BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; SILVA, Anielson B. (Org.). **Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos**. São Paulo: Editora Saraiva, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, G., **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2008, 189-217.

BERG, Bruce Lawrence. **Qualitative research methods for the social sciences**. 4ª ed, 2001.

CAMPOS, C. J.. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev Bras Enferm**, Brasília (DF) 2004.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 3º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Combining Psychological Content Analysis and Text Mining in Market Research. In: Anderson Analytics, 2012. Disponível em <<http://www.andersonanalytics.com/reports/AATAT.pdf>> Acesso em: 05 Nov. 2013.

ELO, Satu; KYNGÄS, Helvi. The qualitative content analysis process. **Journal of Advanced Nursing** 62(1), 107–115, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 2ª. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREITAS, H. M. R.; CUNHA, M. V. M.; Jr.; MOSCAROLA, J. Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração**, São Paulo, 32(3), 97- 109,1997.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

GOMES, R. A análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo M.C.S., **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes; 1994.

JANEIRA; Ana Luísa. A técnica de análise de conteúdo nas ciências sociais: natureza e aplicações. **Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa**. Análise Social, Vol. IX (2.º), 1972 (n.º 34), pp. 370-399.

KASSARJIAN, Harold H. Personality and Consumer Behavior: a review. **Journal of Marketing Research**, Vol. 8 No.4, November, 1977.

KOHLBACHER, Florian. **The Use of Qualitative Content Analysis in Case Study Research** Forum: Qualitative Social Research. Volume 7, n. 1, Art. 21, 2006. Disponível em <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/75/153January%202006#g4>> Acesso em: 12 Nov. 2013.

Krippendorff, K. (1980). **Content analysis. An Introduction to its Methodology**. Beverly Hills: Sage.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MATTOS, P. L. C. L.,. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para sua análise. **RAP**, Rio de Janeiro, 2005.

MAYRING, P. **Qualitative content analysis**. Forum: Qualitative Social Research. Budapest, v.1, n.2, p.1-10, 2000. Disponível em < <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/viewArticle/1089/2385>> Acesso em : 06 Nov 2013.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em < http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html#_ftn1> Acesso em: 25 Out. 2013.

MOZZATO, A. R. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. In: XXXIV Enanpad, Rio de Janeiro, 2010. **Anais...**

_____.; GRZYBOVSKI, D. Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011

OLIVEIRA, D.C. de. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista de Enfermagem**, UERJ, Rio de Janeiro, 2008 out/dez; 16(4): 569-76.

RICHARDSON, R. J et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas; 1999.

ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea**, v. 7 n. 2 julho – dezembro 2005 p. 305-322. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alea/v7n2/a10v7n2.pdf>>, acesso em 10 Nov de 2013.

VERGARA, S. C. **Métodos de Pesquisa em Administração**. 3º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ZHANG, Y. , WILDEMUTH, B. M. Qualitative analysis of content. In B. Wildemuth (Ed.), **Applications of Social Research Methods to Questions in Information and Library Science** (pp.308-319), 2009. Westport, CT: Libraries Unlimited. Disponível em< http://www.ischool.utexas.edu/~yanz/Content_analysis.pdf> Acesso em: 10 Nov. 2013.